RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O Saber.
ISSN: 2675-9128. São Paulo-SP.
Ano V, v.1 2025. | submissão: 11/07/2025 | aceito: 13/07/2025 | publicação: 15/07/2025

COMO O *STORYTELLING* IMPACTA NAS EMOÇÕES: UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR ENTRE LINGUAGEM, NEUROCIÊNCIA E PSICOLOGIA

HOW STORYTELLING IMPACTS EMOTIONS: AN INTERDISCIPLINARY APPROACH BETWEEN LANGUAGE, NEUROSCIENCE, AND PSYCHOLOGY

Emily Teixeira - Faculdade Maria Thereza

RESUMO
A comunicação humana é uma das ferramentas mais importantes para a evolução da humanidade, pois a partir da linguagem se deu a arte de contar histórias e com isso a transmissão e propagação de conhecimento, construção de identidade e memória cultural. Nesta linha de entendimento, o presente artigo tem o objetivo de apresentar a técnica do storytelling como uma ferramenta poderosa de comunicação para construção de conexões emocionais. Para atender a esse propósito, optou-se por uma revisão bibliográfica, tendo como tópicos de análise a evolução histórica da linguagem, o storytelling, o transporte narrativo, o experimento de Paul Zak sobre como a ocitocina impacta no cérebro e a teoria da aprendizagem social de Albert Bandura.

Palavras-chave: Storytelling. Linguagem. Neurociência. Psicologia. Emoção.

ABSTRACT
Human communication is one of the most important tools for human evolution, as language gave rise to the art of storytelling, and with it the transmission and propagation of knowledge, the construction of identity, and cultural memory. In this vein, this article aims to present the technique of storytelling as a powerful communication tool for building emotional connections. To achieve this goal, we opted for a literature review, focusing on the historical evolution of language, storytelling, narrative transport, Paul Zak's experiment on how oxytocin impacts the brain, and Albert Bandura's social learning theory.

Keywords: Storytelling. Language. Neuroscience. Psychology. Emotion.

1. INTRODUÇÃO

A linguagem é um ponto central na evolução e na história da humanidade, através da linguagem simbólica e posteriormente estruturada se deu toda organização social e cultural. Com início na comunicação pictórica, como demonstrado pelas pinturas rupestres analisadas em materiais como os da British Museum (2012) o ser humano avançou no recurso de contar histórias de maneira inicialmente simbólica e ultrapassaram a transmissão de sons. A junção entre símbolos visuais possibilitou não apenas o registro de eventos, mas a elaboração de

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

sentidos, gerando identidade, expressão e continuidade cultural. Dessa maneira, a arte de contar história emergiu historicamente como um dispositivo narrativo enraizado na evolução da linguagem, com potencial de impactar não apenas a cognição, mas também os circuitos emocionais do cérebro e gerar resposta comportamental a partir disso. A contextualização histórica da linguagem e seu uso em narrativas estruturadas se faz importante para dar início a origem cultural do *storytelling*.

> O conceito de narrativa no qual se insere a abordagem do *Storytelling* o narrador apresenta um conhecimento já existente, reconfigurando o modo como é contado, descrito e apresentado, acrescentando aspectos subjetivos que tornem o fato narrado uma linguagem contextualizada, agradável e simples, procurando aproximar os interlocutores (FONTANA, 2009, p. 20-21).

O artigo de Sánchez Rivas *et al.* (2024), fortalece que narrativas bem estruturadas promovem envolvimento, engajamento e aprendizagem significativa, sobretudo quando integradas a tecnologias digitais. Dessa maneira, a investigação dos mecanismos internos que tornam o storytelling uma prática eficaz é essencial para compreender seu impacto não apenas simbólico, mas também neurológico e comportamental.

A pesquisa se concentrou na investigação sobre qual seria o impacto neuroemocional do *storytelling* na recepção de narrativa por parte dos sujeitos. A partir da investigação e da resposta hormonal diante de estímulos narrativos, buscou-se compreender como determinadas estruturas de histórias desencadeiam emoções específicas e promovem uma resposta comportamental. Esse tema central norteou a escolha de autores cuja produção acadêmica conecta diretamente as estruturas narrativas aos sistemas biológicos.

A partir do objetivo principal foram definidos três objetivos centrais: a) Apresentar a origem e evolução da linguagem desde seu desenvolvimento rudimentar e simbólico até a estrutura narrativa; b) Compreender a técnica do storytelling; c) Descrever os efeitos neurobiológicos, emocionais provocados pelas histórias.

2. METODOLOGIA

A abordagem metodológica escolhida para o estudo foi de natureza qualitativa e bibliográfica. A fundamentação teórica tem autores clássicos e contemporâneos. A estrutura da evolução histórica foi alicerçada por Samuel Souza e pela teoria Bow-wow de Johann Herder, enquanto a dimensão neurocientífica foi sustentada pelo trabalho de Paul Zak. A

dimensão social e comportamental do aprendizado foi contextualizada a partir das contribuições de Albert Bandura. O componente persuasivo das histórias, por sua vez, foi articulado a partir da Teoria do Transporte Narrativo, formulada por Melaine Green e Timothy Brock.

Além da introdução e da metodologia o artigo apresenta os seguintes tópicos:

- Evolução da linguagem
- Quando a história nos leva: storytelling e o poder do transporte narrativo
- Como as histórias impactam o cérebro sob a ótica do neurocientista Paul Zak
- Teoria da aprendizagem social Albert Bandura uma contribuição para modelagem comportamental
- Conclusão e considerações finais

Desse modo, o presente trabalho buscou fornecer um entendimento do storytelling como um recurso de impacto emocional, baseado pelos mecanismos simbólicos, narrativos e neuropsicológicos.

1. EVOLUÇÃO DA LINGUAGEM

O princípio da evolução da linguagem é a expressão do ser humano simbólico, os primeiros símbolos é uma confecção rudimentar que se expressa à partir de desenhos naturais, desse modo, a origem da linguagem remonta o Período da pré-história e tem-se como primeiro grau de linguagem, a linguagem simbólica. De qualquer modo, o homem chegou à associação dos sons e gestos para designar um objeto, dando origem ao signo (BORDENAVE, 1982, p. 24). Desse modo, a comunicação simbólica é uma forma de contar histórias à partir do que se é vivido e tem como principal missão registrar e transmitir uma mensagem para a comunidade.

A Figura 1 ilustra uma cena de caça desenhada em pigmentos ocres sobre rocha. Essas figuras rupestres não são apenas reproduções de cenas naturais, elas constituem registros culturais e estruturas narrativas pré-verbais.

Figura 1 - Pintura rupestre de cena de caça

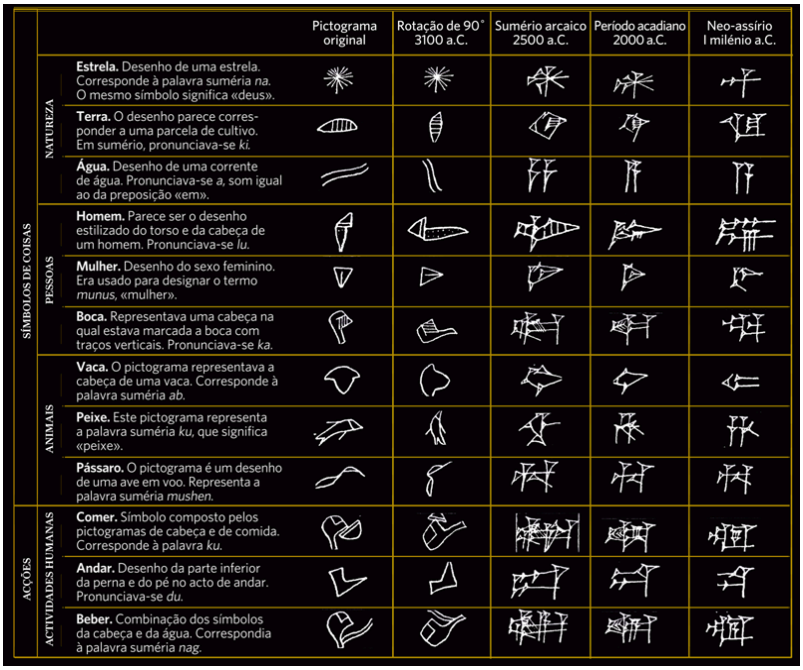
Fonte: British Museum, 2012.

Os primeiros registros encontrados vêm do paleolítico inferior: idade da pedra lascada, nesse período os hominídeos comunicavam-se através da pintura rupestre feita em pedras nas cavernas, eles utilizavam tintas feitas de seiva de plantas, ocre, carvão e sangue de animais para registrar o cotidiano e representar cenas como situações de caça e forma de ataque em bando, essas pinturas serviam ao propósito de transmitir experiências e aprendizagem para as próximas gerações.

As pinturas rupestres simbolizavam o dia a dia para o paleolítico superior, e através dessas figuras de linguagem criou-se a sucessão de histórias. Posteriormente surgiu a linguagem verbal. Segundo a teoria Bow-Wow desenvolvida pelo filósofo alemão Johann Herder no século XVIII, a linguagem verbal se desenvolveu a partir da imitação dos sons, principalmente de animais, como som de pássaros, tigres, lobos e entre outros, criando uma ponte entre o mundo exterior e a expressão humana.

Esse desenvolvimento gradual consolidou a linguagem como um instrumento onomatopaico essencial para a transmissão de avisos e a construção de cultura. Primeiro através da linguagem visual como visto anteriormente, e depois a evolução da escrita cuneiforme que se deu através dos povos sumérios.

Figura 2 - Evolução da escrita cuneiforme



Fonte: National Geographic, 2023.

Para Souza (2020) o homem tentou expressar os acontecimentos que julgava mais importantes por meio de desenhos (pictográficos) nas paredes das cavernas. No entanto, a pintura rupestre não é considerada uma forma de escrita, pois não existia uma padronização nas representações gráficas e não havia uma organização no sentido daquilo que queriam comunicar. Sendo assim, à partir da civilização sumeriana se desenvolveu registros palpáveis com objetivo de anotar transações comerciais da época. Rosa (2012) descreve que a escrita de signos sumeriana foi uma invenção que surgiu por volta de 3.500 a.C, em Uruck, uma das cidades da Suméria, devido à necessidade de registrar as atividades e decisões dos líderes, assim como os interesses comerciais.

> A partir da teoria histórico-cultural podemos entender que a escrita é um sistema de instrumentos, porque se manifesta externamente através das suas funções sociais, por exemplo, noticiar, entreter, divulgar, comunicar. Também é um sistema de signos, porque modifica a relação do homem consigo próprio, quando este utiliza a escrita para organizar e sistematizar ideias, para obter conhecimento e prazer ou como recurso à memória (ANDRE; BUFREM, 2012. p. 28)

Desse modo, a citação acima demonstra que a perspectiva histórico-cultural, entende que a comunicação vai além da escrita, ela é um instrumento que atua socialmente para cumprir o objetivo de informar, contar histórias e se relacionar com outras pessoas.

4. QUANDO A HISTÓRIA NOS LEVA: STORYTELLING E O PODER DO TRANSPORTE NARRATIVO

Ao longo dos anos a necessidade de contar histórias foi se tornando cada vez mais imprescindível, seja para marcar uma época, transmitir conhecimento ou reter a atenção do ouvinte. Passados a época da pré-história a sofisticação na transmissão de mensagens foi se dando de maneira mais estruturada. Nos anos 90 surge então o termo cunhado como *Storytelling.*

> Storytelling é a arte de contar histórias, criando uma narrativa envolvente para transmitir a mensagem desejada de forma atrativa e eficaz. Esta técnica tem um caráter persuasivo e é maioritariamente utilizada para promover negócios e vender serviços de forma indireta, no entanto, pode mesmo ser utilizada no nosso dia a dia, como forma de atingir os nossos objetivos (PINTO, 2023).

O storytelling tem como objetivo empírico transmitir ideias e narrativas para criar uma conexão à partir de uma mensagem, seja para despertar interesse, envolver o público ou gerar apelo emocional, essa linguagem pode ser atrelada ao conceito de transporte narrativo. "O transporte narrativo é uma experiência na qual todos os processos mentais (isto é, atenção, emoção e imagens) se concentram nos eventos que ocorrem na narrativa" (GREEN; BROCK, 2000, 2002, tradução nossa). A teoria do transporte narrativo é descrita como um processo psicológico em que o sujeito se envolve tão profundamente com a história que, experienciando uma conexão com o cenário, personagens e narrativa, o ouvinte a embarcar para o mundo da história, enquanto se desconectar temporariamente da realidade.

> O constructo de transporte narrativo é fundamentado na teoria do transporte narrativo e é um processo no qual um indivíduo se torna absorvido em uma história, conectando-se com os personagens e o ambiente da história enquanto simultaneamente se desconecta de seu ambiente físico (GREEN; BROCK, 2000).

Nesse sentido o storytelling é relacionado a uma coesão narrativa que leva o sujeito a investir sua atenção de maneira entusiasmada para entender o início, meio e fim de uma mensagem, mais do que relatar fatos, o storytelling estrutura informações em uma narrativa coerente, com personagens bem pensados, cenário com apelo visual, conflitos e resoluções que facilitam a conexão emocional e a retenção do conteúdo. Por esse motivo, o *storytelling* pode ser associado ao transporte narrativo, pois ambos são capazes de serem usados para o mesmo objetivo final, contar histórias com detalhes que aproximam o ouvinte, gerar envolvimento e emoção à partir de uma narrativa, usar elementos com impacto persuasivo e influenciar as percepções e emoções através do que é contado.

> Segundo o experimento de Bezdek e Gerrig (2017) foram utilizados testes de tempo de reação de memória para avaliar a atenção dos participantes em diferentes trechos de filmes. Seus resultados sugeriram que o nível de atenção focada variou, com maior concentração de atenção ocorrendo em momentos de maior suspense da narrativa (BEZDEK; GERRIG, 2017, tradução nossa).

Porém a condução do transporte narrativo não ocorre em todos os casos, no estudo de Hamby, Brinberg e Jaccard (2018), Hamby, Brinberg e Daniloski (2017) foi demonstrado que o efeito do transporte narrativo ocorre com mais facilidade quando a experiência pessoal do indivíduo não contradiz a história contada, quando há contradição o caráter comportamental adotado é um modo crítico de processamento e logo o transporte narrativo é interrompido.

5. COMO AS HISTÓRIAS IMPACTAM O CÉREBRO

O estudo de Paul Zak "*why inspiring stories make us react: the neuroscience of narrative*" exemplifica de maneira palpável e fundamentada qual o comportamento a estrutura narrativa de uma história exerce no cérebro humano. O artigo defende os efeitos biológicos alcançados através de um experimento por meio da observação daquilo que o cérebro faz naturalmente e substancialmente de como o cérebro reage através do uso de substâncias. "Meus estudos completam o ciclo causal ao medir o que o cérebro faz naturalmente e, então, intervir nesse sistema por meio de fármacos, demonstrando que o comportamento pode ser provocado" (ZAK, 2015, tradução nossa).

O experimento consiste em medir a resposta hormonal de participantes expostos a vídeos com narrativas emocionalmente sensíveis, o primeiro vídeo demonstra dois personagens em situação de sofrimento, o personagem principal é o "Ben" um menino com uma doença terminal e o segundo personagem é o seu pai, a história mostra os dois brincando enquanto o pai conversa com a câmera sobre o que está acontecendo, e diz estar aproveitando os últimos meses de vida do filho que está em fase terminal de câncer cerebral, ao final do vídeo há uma mensagem final, "até o último suspiro". A resposta ao vídeo foi surpreendente, mesmo os participantes tendo a ciência do cunho fictício da história, a narrativa comoveu e liberou no ouvinte hormônios como cortisol e ocitocina, a empatia induzida motivou os participantes a doarem dinheiro para ajudar de alguma forma. "A empatia intensificada motivou os participantes a oferecer dinheiro a um estranho que fazia parte do experimento.

Nós conectamos uma história a um sentimento e, em seguida, a um comportamento pró-social." (ZAK, 2015, tradução nossa).

Em uma segunda fase, o vídeo se passava em um zoológico, desta vez não havia nenhuma mensagem explícita, apenas o menino com o cabelo raspado brincando com seu pai em um zoológico, neste segundo ponto, o experimento não atingiu as mesmas respostas e os integrantes revelaram que sem a narrativa não houve envolvimento empático como no primeiro vídeo, nesse caso a hipótese sustentada é que o processo atencional e o transporte narrativo não funcionam apenas por meio de imagem, mas sim por meio de uma mensagem transmitida com clímax.

> Confirmamos que histórias que sustentam a atenção e geram ressonância emocional produzem doações pós-narrativas — mesmo histórias com temas difíceis. Para o cérebro, boas histórias são boas histórias, seja em primeira ou terceira pessoa, com temas felizes ou tristes, desde que nos façam nos importar com os personagens (ZAK, 2015, tradução nossa).

Para fortalecer a pesquisa, Zak avançou na experimentação através da intervenção com fármacos, o objetivo era consolidar a correlação da ocitocina e a resposta do comportamento pró-social. Nesse momento, quarenta participantes receberam, 40 UI de ocitocina ou placebo. Para garantir o rigor técnico e metodológico, nem os participantes, nem os examinadores sabiam quem havia administrado placebo ou ocitocina, assim seguiu o estudo e depois de uma hora, com a ocitocina sob efeito, os participantes começaram a assistir os vídeos. A resposta da pesquisa foi que, os participantes que receberam a ocitocina sintética doaram 56% a mais, isso confirma a relação do papel da ocitocina no comportamento em causas pró-sociais após narrativas desenvolvidas com arco dramático.

6. TEORIA DA APRENDIZAGEM SOCIAL ALBERT BANDURA

Diante do que foi visto nos tópicos anteriores sempre há um comportamento resposta frente às histórias, a teoria da aprendizagem social de Albert Bandura explica como as pessoas expressam novos comportamentos e atitudes através da observação e imitação do ambiente. Segundo Bandura (2001) A teoria sociocognitiva fornece uma estrutura conceitual agêntica para analisar os determinantes e os mecanismos psicossociais por meio dos quais a comunicação simbólica influencia o pensamento, o afeto e a ação humana. Esse processo de aprendizagem por observação é chamado de modelagem e é eficaz em conceitos narrativos,

nos quais personagens (fictícios ou reais) servem como modelo de comportamento e modulação comportamental.

> Nessa visão transacional do eu e da sociedade, fatores pessoais na forma de eventos cognitivos, afetivos e biológicos, padrões comportamentais e eventos ambientais operam como determinantes interativos que se influenciam mutuamente de forma bidirecional (BANDURA, 2001).

Bandura afirma que nessas transações agênticas, as pessoas são produtoras, bem como produtos de sistemas sociais, o autor atribui a teoria sociocognitiva a eficácia e importância de processos vicários, simbólicos e narrativos, isso quer dizer que os fatores cognitivos determinam, em parte, quais eventos ambientais serão observados, qual significado será conferido a eles, se deixarão efeitos duradouros, qual impacto emocional e poder motivador terão e como as informações que transmitem serão organizadas para uso futuro.

Esses mecanismos se mostram ainda mais eficazes quando as narrativas apresentam conflitos reais e emoções intensas, como ocorre nas histórias com estrutura dramática. Essa lógica se aplica também ao experimento de Paul Zak (2015), em que os participantes do experimento ao ouvirem uma história emocionante, resultaram em um comportamento pró-social de doação. Ainda que o foco do estudo de Zak esteja na liberação de ocitocina, a conversão desse hormônio em ação pode ser explicada pelo modelo de Bandura: os participantes do experimento se conectam ao observarem o comportamento do pai na história, reconheceram a sua dor, conectaram-se emocionalmente e foram levados a agir de forma solidária.

7. DISCUSSÃO: CONTAR, EMOCIONAR, TRANSFORMAR

O artigo realizou uma busca de informações através da análise interdisciplinar, desse modo o desenvolvimento da investigação profunda conseguiu alcançar registros históricos com início na época do paleolítico inferior e sua forma de comunicação através da arte rupestre, que orquestrava cenas e rituais nas paredes das cavernas a fim de transmitir uma mensagem. Desde aqueles tempos remotos, o poder da narrativa se estabelece como um recurso simbólico, emocional e comportamental. Segundo Bandura (2001). Por meio de símbolos, as pessoas podem se comunicar com outras a qualquer distância no tempo. A transmissão de mensagem inicialmente utilizada como forma de registro pictórico, evoluiu até se tornar o que conhecemos hoje, um ato de contar histórias para reter a atenção, encantar,

transportar para um lugar ou responder a um comportamento através de ativações hormonais complexas.

O conceito de transporte narrativo proposto por Green e Brock (2000, 2002) explica que "transporte narrativo é um processo no qual um indivíduo se torna absorvido em uma história, conectando-se com os personagens e o ambiente da história enquanto simultaneamente se desconecta de seu ambiente físico." Green e Brock (2000) o transporte narrativo de Green e Brocks permitiu compreender como o sujeito ao se envolver profundamente com uma história, passa a experimentar emoções intensas de empatia, como foi exemplificado pelo experimento (ZAK, 2015). O envolvimento em narrativas emocionalmente comoventes demonstra, inclusive, que as alterações biológicas, como o aumento da ocitocina, promovem comportamentos pró-sociais como doação.

O impacto emocional visto neste artigo não se limita apenas à ativações neuroquímicas, mas evidencia de maneira interdisciplinar a articulação de saberes, como por exemplo o impacto emocional e de modelagem contemplado pela teoria da aprendizagem social (BANDURA, 2001). Nesse caso, percebe-se que o envolvimento emocional é um fator determinante na aprendizagem vicária, ao observar comportamentos de personagens com os quais o sujeito se identifica, se transforma e passa a incorporar atitudes e valores, essencialmente quando julga que recebe consequências positivas diante da ação.

De modo geral, o presente artigo demonstrou a correlação entre emoção, cognição e comportamento e confirmou que a narrativa, assim como o *storytelling* opera simultaneamente em diferentes sentidos, são eles, simbólico, emocional, neurológico e social. Além de contar uma história e passar uma mensagem, ele ensina e influencia no comportamento. Esse material pode ser usado em áreas como publicidade, educação, psicologia clínica e políticas públicas, o campo de exploração para tal conhecimento é amplo e pode ser utilizado como meio de gerar engajamento, aprendizagem e mudança de comportamento.

CONCLUSÃO

O artigo teve como principal objetivo analisar como as narrativas impactam nas emoções humanas a partir da fusão interdisciplinar da linguagem, neurociência e psicologia

social, para que a pesquisa se tornar possível, foram analisados artigos com a temática da evolução histórica da linguagem simbólica até a construção da narrativa estruturada, permeando elementos chave como a teoria Bow-wow, a teoria do transporte narrativo, a liberação de hormônios como a ocitocina e a modelagem comportamental proposta por Albert Bandura. Foi concluído que o storytelling é uma ferramenta multifacetada com amplo potencial de aplicação e quando alinhado a outras teorias de conhecimento pode-se construir envolvimento emocional profundo, provocando respostas biológicas mensuráveis e motivação em comportamentos pró-sociais. A limitação do estudo se deu a falta de pesquisas sobre a temática em português, o estudo se baseou em levantamento bibliográfico, assim pesquisas futuras podem se beneficiar de abordagens experimentais que confirmam os mecanismos apresentados aqui.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Tamara Cardoso; BUFREM, Leilah Santiago. O conceito de escrita segundo a teoria histórico-cultural e a alfabetização de crianças no primeiro ano do ensino fundamental. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 14, n. 1, p. 22–42, jan./jun. 2012. Disponível em: https://www.ssoar.info/ssoar/bitstream/document/31272/1/31272_1.pdf. Acesso em: 8 jul. 2025.

BANDURA, Albert. Social cognitive theory of mass communication. **Media Psychology**, v. 3, n. 3, p. 265–299, 2001. Disponível em: http://cogweb.ucla.edu/crp/Media/Bandura_01.pdf Acesso em: 9 de jul. 2025

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRITISH MUSEUM. **Object**: cuneiform tablet. Londres: The Trustees of the British Museum. Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/E_2013-2034-6595. Acesso em: 6 jul. 2025

CURVAL PINTO, Diana. O impacto do storytelling na conquista dos consumidores. **The Trends Hub**, n. 3, 2023. DOI: 10.34630/tth.vi3.5075. Disponível em: https://doi.org/10.34630/tth.vi3.5075. Acesso em: 8 jul. 2025.

FONTANA, Andrea. **Storyselling**: strategie del racconto per vendere se stessi, i propri prodotti, la propria azienda. Bologna: ETAS, 2010.

GREEN, Melanie C; APPEL, Markus. Chapter One – Narrative transportation: how stories shape how we see ourselves and the world. *In*: GREEN, Melanie C. **The Psychology of Stories.** Amsterdam: Elsevier, 2024. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0065260124000145. Acesso em: 8 jul. 2025.

GREEN, Melanie C.; BROCK, Timothy C. The role of transportation in the persuasiveness of public narratives. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 79, n. 5, p. 701–721, 2000. DOI: 10.1037/0022-3514.79.5.701. Disponível em: http://www.communicationcache.com/uploads/1/0/8/8/10887248/the_role_of_transportation_in_the_persuasiveness_of_public_narratives.pdf. Acesso em: 8 jul. 2025.

HAMBY, Anne; BRINBERG, David; DANILOSKI, Kim. Reflecting on the journey: mechanisms in narrative persuasion. **Journal of Consumer Psychology**, v. 27, n. 1, p. 11–22, jan. 2017. DOI: 10.1016/j.jcps.2016.06.005. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/304745782_Reflecting_on_the_Journey_Mechanisms_in_Narrative_Persuasion. Acesso em: 8 jul. 2025.

ROSA, C. A. P. História da ciência da antiguidade ao renascimento científico. 2. ed. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012. 469 p.

SÁNCHEZ-RIVAS, Enrique; RAMOS NÚÑEZ, Manuel Fernando; SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, José; RUBIO-GRAGERA, María. Revisión de la producción científica sobre Storytelling mediado por tecnología entre 2019 y 2022 a través de SCOPUS. **Texto Livre**, Belo Horizonte, v. 17, e51392, p. 1-15, 13 jun. 2024. DOI: 10.1590/1983-3652.2024.51392. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tl/a/ByCDjvVjyZfNLJvHyx6sSTt/. Acesso em: 6 jul. 2025.

SOUZA, Samuel Moreira de. Contribuição da civilização sumeriana para a história da escrita. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – **Universidade Federal de Santa Catarina**, Centro de Educação, Florianópolis, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/219615. Acesso em: 6 jul. 2025.

TENTUGAL, Beatriz. O mistério da origem do storytelling. **The Trends Hub**, Porto, n. 4, 1(4), 10 jun. 2024. DOI: 10.34630/tth.vi4.5724. Disponível em: https://parc.ipp.pt/index.php/trendshub/article/view/5724. Acesso em: 7 jul. 2025.

THOMAS, Veronica L.; GRIGSBY, Jamie L. Narrative transportation: a systematic literature review and future research agenda. **Psychology & Marketing**, v. 41, n. 8, p. 1805–1819, maio 2024. DOI: 10.1002/mar.22011. Disponível em: https://doi.org/10.1002/mar.22011. Acesso em: 8 jul. 2025.

ZAK, Paul J. Why inspiring stories make us react: the neuroscience of narrative. **Cerebrum, Dana Foundation**, 2015. Disponível em: https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC4445577/. Acesso em: 08 jul. 2025